

FONTENELLE PREVIU AS VIAGENS À LUA

Milton Dias

Releio, com antigo e constante interesse, *Entretiens sur la Pluralité des Mondes*, de Fontenelle, que sempre me surpreendeu muito com a sua imensa capacidade de previsão ou, mais exatamente, com a sua enorme visão global do mundo, das possibilidades de pesquisas científicas e da capacidade humana de exploração de outros planetas. No fundo, manifestava uma imensa confiança no espírito atrevido e aventureiro do homem e no futuro da humanidade. Pois Bernard le Bovier Fontenelle, que nasceu nos meados do século XVII (1657) e faleceu no século seguinte (viveu exatamente cem anos, apesar da saúde delicada que sempre soube cuidar muito bem), traz idéias tão delirantes, para a época, quanto as que Júlio Verne traria mais tarde, em 1828, criando um gênero novo, com sua antecipação do romance científico.

Esbarro num capítulo particularmente curioso. É um diálogo com uma marquesa sua amiga. Diga-se de passagem que, pela conversa brilhante, espirituosa, pela presença agradável e pelo profundo senso de observação que o distinguiu toda a vida, Fontenelle foi muito freqüentemente solicitado nas reuniões sociais, nos salões literários, principalmente nos de Madame de Lambert, de Madame Tancin e Madame Geoffrin, de que era *habitué*.

Esse livro sobre a Pluralidade dos Mundos põe, pela primeira vez, ao alcance do povo, as grandes descobertas astronômicas e revela novos aspectos do escritor que até então

era considerado apenas um *bel esprit* e que depois se afirmou como filósofo, pertencendo a três Academias — a Francesa, a das Inscrições e a das Ciências — e foi secretário perpétuo desta última.

Dai por diante se dedicou às questões científicas, publicou *História e Memórias da Academia, Elogios de Sábios*, prefácios de obras doulas em que expõe claramente o seu cartesianismo e define o espírito científico. Ainda publicou uma *Geometria do Infinito* e uma *Teoria dos Turbilhões Cartesianos*. Apesar disso, não abandonou as atividades puramente literárias: escreveu uma biografia de Carneille, seu tio, uma *História do Teatro* e *Reflexões Sobre a Política*. Foi incontestavelmente o precursor do método comparativo em matéria religiosa, autor também dum livro sobre a origem das fábulas, em que atribui à ignorância dos primeiros homens a crença no sobrenatural.

No trecho a que me referi, o autor escreve num tom colloquial, com grande senso de humor, e conduz seus argumentos com uma graça infinita, vai animando cada frase num estilo delicioso, que aumenta num "crescendo" o interesse pelo assunto realmente fascinante.

Depois de dizer que o que parecia impossível no seu tempo poderia perfeitamente acontecer no futuro, toma como exemplo e ilustração da sua tese o caso dos habitantes da América, que antes de Cristóvão Colombo nunca imaginaram que o mundo tivesse outras dimensões, senão aquelas que lhes estavam à vista, nunca suspeitaram que o mar servisse de caminho — o mar que eles olhavam como "um grande espaço proibido aos homens, que se juntava ao céu na linha do horizonte. E além dali não haveria mais nada."

De repente, os nativos americanos são surpreendidos com a presença daqueles estranhos em navios "que parecem ter asas brancas sobre o mar, que vomitavam fogo por todos os lados, desembarcando homens desconhecidos, protegidos por ferros, dispondo, como querem, dos monstros que correm sob o seu comando, tendo às mãos raios com que arrazam tudo o que lhes resiste. De onde vieram? Quem pôs o fogo à sua

disposição? Serão filhos do Sol? Pois, seguramente, não são homens. — Eu não sei, Madame, se a senhora entende, como eu, a surpresa dos Americanos; mas nunca pode haver igual no mundo.”

E fala de maneira muito ousada sobre a possibilidade da aviação, manifesta a sua esperança de que o homem domine os ares. O que provocou uma reação imediata da sua nobre, severa interlocutora, que não podia acreditar que o homem voasse sem quebrar o pescoço.

Mas Fontenelle foi ainda muito mais adiante na sua antevisão, no atrevimento das imagens, na riqueza da imaginação, gozando o prazer intelectual de chocar com idéias que pareciam antes palavras dum sonhador do que raciocínio duma pessoa lúcida. Só transcrevendo um pouco:

“Depois disto, eu não quero mais jurar que não possa haver um dia comunicação entre a Lua e a Terra. Os americanos teriam acreditado que haveria ligação entre a América e a Europa, que eles nem ao menos conheciam? É verdade que será preciso atravessar este grande espaço entre a Terra e a Lua. Mas será que estes grandes mares lhes pareciam, a eles, mais transponíveis?”

E a marquesa, olhando-o, foi muito sucinta e direta no seu julgamento, declarando-lhe simplesmente com ar grave: — “o senhor está louco”.

Que é que Madame la Marquise diria agora?